

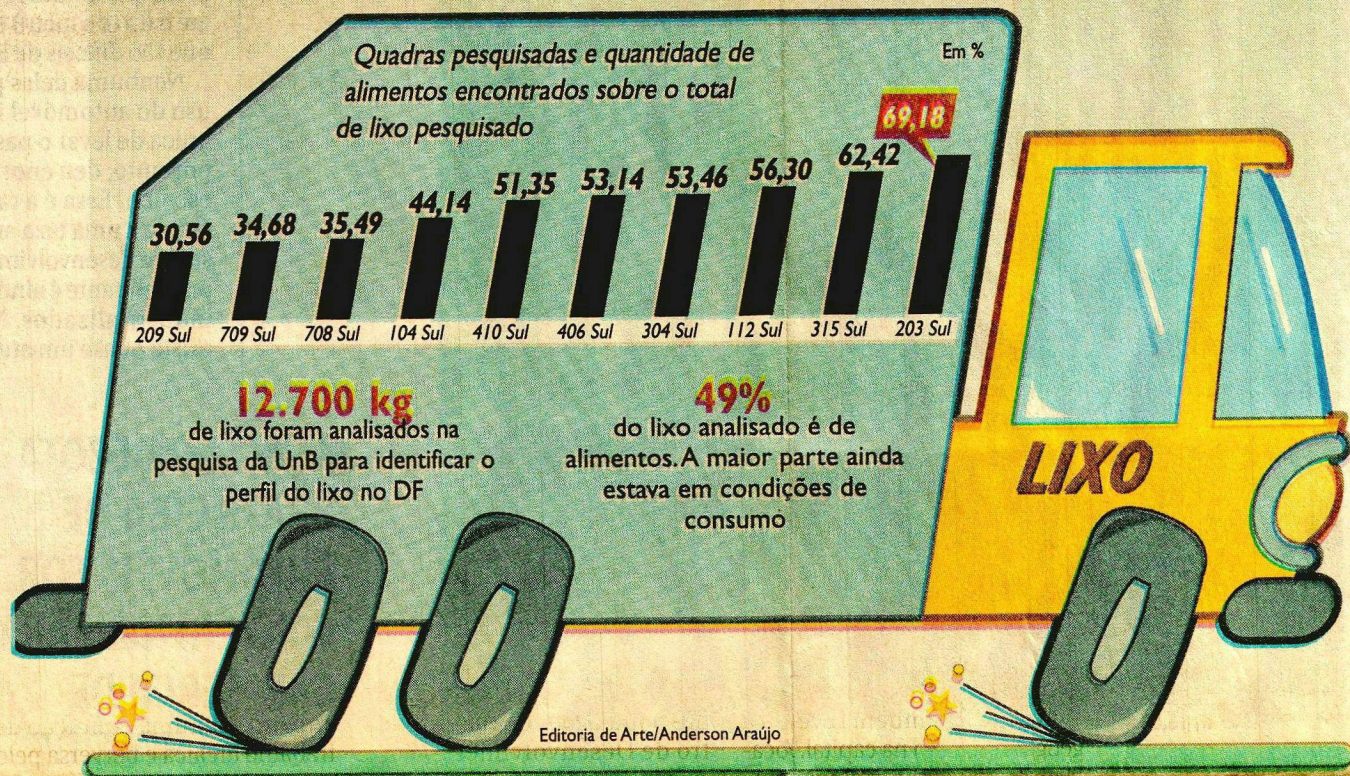
DESPERDÍCIO EM BRASÍLIA

Pesquisa da Universidade de Brasília realizada em dez quadras do Plano Piloto mostra que metade do lixo é composta por alimentos — a maior parte em condições de consumo. Programa de coleta seletiva, criado para estimular a reciclagem, é ineficiente

Banquete na lixeira

RADIOGRAFIA

Pesquisa realizada pela UnB mostra a quantidade de alimentos no lixo depositado em dez quadras da Asa Sul. A 203 acumula o maior índice de desperdício.



Samanta Sallum
João Luiz Marcondes
Da equipe do **Correio**

Brasília é exemplo no esforço para economizar energia elétrica, mas algumas regiões da capital não seguem a mesma cartilha de combate ao desperdício de comida. O que apenas parece resto de refeição torna-se um banquete quando despejado nos lixões. São milhares de alimentos jogados fora diariamente. O lixo das residências da Asa Sul é prova disso, segundo pesquisa da Universidade de Brasília (UnB).

O estudo da UnB revela que praticamente a metade do lixo (49%) produzido na área é de alimentos — 6,2 mil quilos, dentre os 12,7 mil quilos analisados. E um fato surpreendeu: “A maior parte ainda estava em condição de ser consumida”, afirma o engenheiro florestal Benício de Melo Filho, 50 anos. Ele é o autor da tese de mestrado *Características Econômicas e a Geografia do Lixo no Distrito Federal*, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB.

A pesquisa, concluída no início do ano, permitiu uma radiografia do lixo doméstico de dez superquadras da Asa Sul, que abrangem uma comunidade de 11 mil pessoas. Em seis quadras, o índice de alimentos encontrados no lixo ultrapassou 50% (leia quadro acima).

A 203 Sul é a que mais joga alimento no lixo (69%). Curiosamente, é uma quadra com moradores ilustres. No bloco A, de

apartamentos funcionais, moram autoridades do Governo do Distrito Federal, como presidentes de empresas estatais e conselheiros do Tribunal de Contas do DF. Já a 209 Sul é a quadra com o menor índice de comida jogada fora (30,56%).

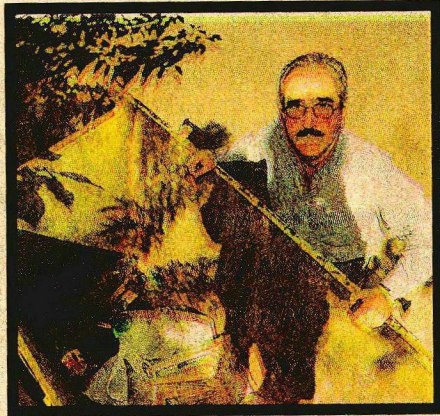
“Vi os próprios catadores de lixo tendo reações de revolta ao encontrar tanto alimento. Por um lado, é bom para eles, porque consomem essa comida. Mas, por outro, não entendem como tanta coisa em bom estado é jogada fora”, afirma Benício de Melo Filho. Vários produtos, como pacotes de macarrão, foram encontrados nas suas embalagens originais.

“Vivemos num paralelo entre a cultura da abundância e a cultura do desperdício. O apelo ao consumo é cada vez maior. As pessoas acabam comprando mais do que necessitam”, avalia o sociólogo Ricardo Pires, 54 anos, morador da 203 Sul desde 1975.

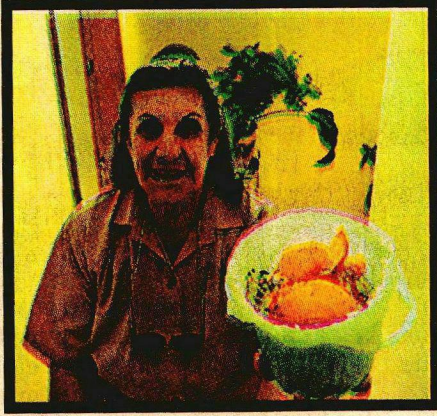
Pires aponta o velho hábito da classe média de comprar comida para estocar como um dos motivos do desperdício. Com tanta fartura na cozinha, o prazo de validade dos produtos acaba vencendo e o alimento é jogado fora. “Com a crise de energia, estamos nos reeducando. Vamos ter que desligar o freezer e isso vai refletir, também, na racionalização do uso dos alimentos”, avalia.

“Minha filha tem mania de jogar fora os alimentos que estão com a data de validade perto de vencer, porque acha que já podem estar estragados”, conta Inácio Loyola, líder comunitário da Asa Sul, morador da 409 Sul. “A pesquisa serve como um alerta. Essas sobras de alimento poderiam ser aproveitadas, entregues a instituições que precisam”, reforça.

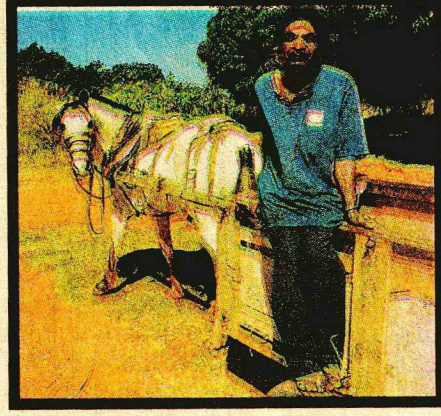
Fotos: Ricardo Borba



RICARDO PIRES: CULTURA CONSUMISTA ESTIMULA DESPERDÍCIO DE LIXO



THEREZINHA DOURADO, MORADORA DA 203 SUL: ATENTA À COLETA SELETIVA



FRANCISCO ADELINO, CATADOR, TRABALHA EM LIXÕES CLANDESTINOS PARA SOBREVIVER

Aproveitamento é baixo

Cerca de 90% do que o brasileiro joga fora poderia ser reaproveitado segundo Benício de Melo, autor da pesquisa sobre o lixo no Plano Piloto. O índice de reciclagem no DF não passa de 4%, que é também a média nacional segundo estimativa do Cempre (Compromisso Empresarial para Reciclagem). Nos Estados Unidos, esse índice chega a 30%. “O Brasil ainda pode e deve avançar muito nessa questão. O lixo pode ser usado como combustível de usinas termoeletricas como já acontece na Europa”, aponta André Vilhena, diretor-executivo do Cempre.

As dez quadras da Asa Sul foram alvo da pesquisa porque são pioneiras no programa de coleta seletiva de lixo em Brasília. Entretanto, apesar do esforço dos moradores para separar o lixo orgânico do lixo seco, a tese conclui que a reciclagem no Distrito Federal não existe, pelo menos, oficialmente. “Os moradores até separaram os materiais em sacos diferentes, mas na hora da coleta ou no despejo nos lixões

tudo é misturado novamente”, lamenta Benício Filho. Ele realizou seu trabalho de campo entre outubro de 1999 e junho de 2000.

No quesito coleta seletiva, os moradores das 10 quadras da Asa Sul estudadas dão exemplo. A prefeita da 203 sul, Therezinha Dourado, 67 anos, garante que não se encaixa no perfil traçado da sua quadra pela pesquisa. “Aqui, em casa, a gente evita o desperdício”, afirma ela, mostrando dois saquinhos de lixo. Um com restos de arroz e feijão, cascas de laranja e outro com plástico e papel.

Os moradores da quadra fazem a sua parte, mas estão decepcionados. “O governo vai ter de fazer uma nova campanha para resgatar a credibilidade do programa da coleta seletiva. Sabemos que o lixo não está sendo reciclado como deveria”, diz Ricardo Pires.

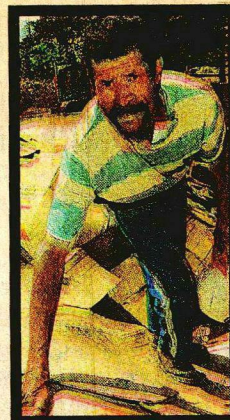
O secretário de Meio Ambiente, Antônio Barbosa, admite que a reciclagem no DF é falha. “Já estamos tomando medidas para incentivar a reciclagem. Estimulamos a organização de cooperativas de catadores de lixo. No próximo mês será inaugurada uma usina de reciclagem para reaproveitar todo o papel descartado pelos órgãos do GDF. O papel será reutilizado novamente pelas próprias repartições. “Esse é o projeto Verde Novo”, explica Antônio Barbosa. (SS)

“VI OS PRÓPRIOS CATADORES DE LIXO TENDO REAÇÕES DE REVOLTA AO ENCONTRAR TANTO ALIMENTO. POR UM LADO, É BOM PARA ELES, PORQUE CONSOMEM ESSA COMIDA. MAS, POR OUTRO, NÃO ENTENDEM COMO TANTA COISA EM BOM ESTADO É JOGADA FORA”

BENÍCIO MELO FILHO
Autor da pesquisa sobre lixo no DF

“VIVEMOS NUM PARALELO ENTRE A CULTURA DA ABUNDÂNCIA E A CULTURA DO DESPERDÍCIO. O APELO AO CONSUMO É CADA VEZ MAIOR. AS PESSOAS ACABAM COMPRANDO MAIS DO QUE NECESSITAM”

RICARDO PIRES
Sociólogo, morador da 203 Sul



“SE EU FOR PARA BAHIA MORRO DE FOME. AQUI TIRO O MEU SUSTENTO. TODO MUNDO ME RESPEITA POR EU ESTAR TRABALHANDO. MELHOR QUE MATAR, ROUBAR OU FICAR DESEMPREGADO”

RUBERVAL DOS SANTOS (FOTO)
Catador de lixo

“O BRASIL AINDA PODE E DEVE AVANÇAR MUITO NA RECICLAGEM. O LIXO PODE SER USADO COMO COMBUSTÍVEL DE USINAS TERMOELÉTRICAS, COMO JÁ ACONTECE NA EUROPA”

ANDRÉ VILHENA
Diretor executivo do Cempre (Compromisso Empresarial para Reciclagem)